

Editorial¹

Em 2019 deu-se o encontro feliz entre os dois coordenadores do chamado *Grupo de Pesquisa em Literatura, Cinema e Religião*, ou, na sua sigla simplificada, o *LCR*. Encontrou-se, assim, o gosto e o estudo das Humanidades e da Arte – com especial enfoque na Literatura e no Cinema – com a pesquisa e o conhecimento na área da Filosofia em geral e da Filosofia da Religião em particular. O que os unia? A certeza de que cultura e religião são dois termos inalienáveis na equação que caracteriza todo e qualquer movimento ou expressão do humano, e que criar condições para o diálogo sério e livre acerca da dimensão religiosa, enquanto elemento encontrável em qualquer forma de expressão artística e na raiz do pensamento e da reflexão cultural, é um contributo necessário e valioso para a academia e para a sociedade em geral. Tal união, realizada sob um modelo de trabalho, torna-se, como lembra María Zambrano (2016), uma forma de conhecimento particularmente afortunada, verdadeira unidade de «pensamento e poesia» (poesia no seu sentido mais lato, abrangendo literatura e outras expressões artísticas). Zambrano defende a importância de não dividir o homem em duas facetas separadas, que desse modo se revelam formas insuficientes: «Não se encontra o homem completo na filosofia; não se encontra a totalidade do humano na poesia.» Na poesia, insiste, encontramos «diretamente o homem concreto, individual. Na filosofia, o homem em sua história universal, em seu querer ser. A poesia é encontro, dom, achado pela graça. A filosofia busca, é requerimento guiado por um método».

Encontrar formas de debate aberto, livre e profundo sobre arte, pensamento e cultura, partindo da religião e do sentido religioso como linha de análise crítico-teórica, é assumir a responsabilidade de promover um espaço cultural capaz de restaurar a fractura pós-moderna entre razão e sentimento, através da redescoberta daquilo a que o sábio rei Salomão, no *Livro da Sabedoria*,

¹ Por opção dos autores, o texto não segue o acordo ortográfico.

pedia a Deus: que lhe concedesse um «coração inteligente». Para o filósofo francês Alain Finkielkraut (Rossi, 2020), «num século onde a razão foi escravizada ao particularismo do funcional ou à abstracção generalista e impiedosa da ideologia, só a literatura pode responder à oração do rei Salomão». Isto é, a arte (a literatura, mas também o cinema, a pintura, a arquitectura, etc.), ou seja, as diversas formas de expressão estética que fazem emergir, através da beleza e da emoção, a presença sensível do mistério na vida do homem, ganham em cruzar-se com a filosofia (e também com a teologia e a história, dentre outras ciências), com o pensamento estruturado e articulado, racional, acerca do humano.

O filósofo Roger Scruton (1998), recentemente falecido, sublinhava que «o interesse em ser-se culto não se pode explicar sem fazer referência à natureza e ao valor da religião». «Isto não quer dizer», esclarecia, «que para sermos cultos temos de ser religiosos», mas sim que não há forma de compreender o fenómeno humano sem recorrer àquilo que pode ser chamado «sentido religioso», ou seja, esse movimento de busca de significado, esse desejo ou exigência de cumprimento e realização (exigência de Bem, de Verdade, de Justiça, de Felicidade, de Beleza) encontrável em todo e qualquer ser humano e materializado na expressão cultural de todo e qualquer povo.

Também T. S. Eliot (1948) definia cultura como um certo modo de vida, regulado por um determinado sistema social, certos hábitos e costumes, visível na arte e particularmente na religião. E considerava ser a religião a «força dominante» na definição de qualquer cultura.

A religião, de facto, pode ser entendida como aquela tentativa ética, teórica, ritual através da qual o ser humano estabelece a sua relação com o mistério, logo prende-se com o sentido da sua existência, tanto a nível da sua origem quanto do seu destino, e consiste, portanto, num sistema cultural, de visão do mundo, que relaciona a existência humana com o seu sentido último. Nesta linha, a religião faz parte da estrutura inata do humano e é sempre movimento que inclui a própria razão: a criança que pergunta «porquê» coloca uma pergunta religiosa.

A possibilidade de abordar a arte e o pensamento segundo esta perspectiva permite evitar o risco de que falava uma autora como Gertrud Himmelfarb (na obra *On looking into the abyss/Olhando para o abismo*) descrevendo a experiência do grande professor Lionel Trilling, que se queixava de o ensino da literatura estar dominado pela teoria e por um distanciamento académico

que fazia que os alunos, ao lerem grandes autores (Eliot, Joyce, Proust, Kafka, Tolstoi, Dostoievsky) tivessem atitudes diletantes: «que interessante, que curioso!», como se se tratasse de um mero exercício ou de um jogo. Pelo contrário, diz Himmelfarb, o ser humano é, como afirma Nietzsche, «uma corda esticada sobre um abismo» (uma corda entre o animal e o super-homem, ou entre o máximo mal e o máximo bem), e é disso que a literatura e a arte falam.

Assim, partindo do gosto, da vontade e da consciência de ser absolutamente necessário encontrar, na Academia e na sociedade civil, espaços de debate livre, plural e aberto sobre questões de fundo, radicadas no valor cultural e existencial da religião, tal como esta se manifesta no pensamento contemporâneo e nas artes, surgiu este grupo de investigação e reflexão, cujo trabalho, de natureza não confessional, agora se materializa num primeiro volume sobre o tema da «redenção», tomado na sua acepção judaico-cristã, e publicado no âmbito institucional da Universidade Católica Portuguesa.

«Redenção» é um conceito teológico de base que aponta para uma falha ontológica e moral no ser humano. Esta falha pode ser compreendida como algo que pede reparação, como na traição humana feita a Deus no Génesis ou perante algum dos nossos semelhantes. Por isso, reparação e redenção andam lado a lado. Quando nos encontramos nessa dimensão da redenção, atravessamos o campo moral do conceito. A imagem, aliás, de travessia ou peregrinação é muito comum para representar dramaticamente a ideia de reparação e de redenção. No plano ontológico, a redenção implica a insuficiência da natureza humana diante da finitude e da agonia que isso implica, por isso vencer o medo da morte é tão essencial para a redenção humana: só se salvará quem perder a vida. Aqui, a imagem é o pó. Como diz Abraão ao dirigir-se a Deus, «eu que sou pó e cinzas venho a ti». Em sentido estrito, a redenção consiste na remoção dos obstáculos que existiam entre Deus e nós, realizando-se assim a oferta que nos é feita de participação na vida de Deus. A iniciativa divina de se aproximar com amor da humanidade pecadora é uma característica contínua do modo de Deus nos tratar, antes e dentro da história, e é a pressuposição fundamental da doutrina da redenção, a qual foi obtida e é garantida por Deus, através de Cristo.

A filosofia, a literatura, o cinema, bebem profundamente nessa tradição, mesmo que não saibam. Disso dão testemunho os vários ensaios deste volume, que matizam o conceito sob diferentes perspectivas, inclusive simbólicas.

O Grupo LCR aposta, desde o início, na internacionalização, pretendendo alargar, conectar e consolidar o leque de estudiosos que, em diversos países do mundo e usando, como método essencial, o ensaio e como principal plataforma de interação a palavra escrita, procuram contribuir para a reflexão acerca da importância do fenómeno religioso enquanto elemento decisivo para a compreensão do humano e enquanto contributo indispensável para encarar o tecido de problemas e conflitos que constituem a sociedade e a cultura actuais.

Do ponto de vista da sua composição, agrega investigadores de vários países, na sua maioria de Portugal e do Brasil (o que explica o uso das duas variantes linguísticas – o português de Portugal e o português do Brasil –, embora a nossa publicação admita o uso da língua-mãe de cada autor), dispersos essencialmente, nesta edição, por três núcleos: um núcleo, que parte do CECC (Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, da Universidade Católica Portuguesa) – lugar onde se encontra formalmente sediado –, estendendo-se a outros investigadores de Portugal, Itália, Espanha e Brasil; inclui membros do Grupo de pesquisa Labô (Laboratório de Política, Comportamento e Mídia, da Fundação São Paulo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária (da PUCSP) representado pela Professora Vera Bastazin, que, dentro do Programa, lidera o grupo de pesquisa «Categorias da Narrativa».

Formado por ensaios escritos por investigadores de posições existenciais e áreas de pesquisa muito diferentes – desde a filosofia, a teologia e os estudos de religião, passando pela literatura e o cinema, até à pintura, à arquitectura e a outras artes plásticas – este volume, o primeiro de uma colecção sobre o tema da religião, pretende contribuir, através da confluência de abordagens muito diversas num ponto de discussão comum, para o aprofundamento das implicações decorrentes da presença do religioso no ser humano – individual e social – e em todas as suas manifestações reflexivas e criativas. O diálogo que se deseja suscitar inicia-se já implicitamente na relação que estes textos estabelecem uns com os outros, interpelando-se mutuamente, complementando-se, matizando o conceito de «redenção», clarificando ou respondendo a eventuais questões e levantando outras.

Uma vez que se pretende que seja o rigor analítico da filosofia a oferecer aos diversos investigadores a linha mestra que clarifica, orienta, sustenta as diversas abordagens, o volume inicia-se com o ensaio de um dos coordenadores

do grupo, Luiz Felipe Pondé («A Ferida e os Castiçais: tarde te conheci e tarde te amei»), que pega no exemplo da obra de Victor Hugo *Les Misérables* para reflectir sobre a insuficiência estrutural do humano e, à luz do pensamento e do percurso de Santo Agostinho, apontar o valor da misericórdia como única possibilidade real de resgate da condição humana. A este ensaio segue-se o de Andrei Venturini Martins («Conversão e Redenção»), que analisa o relato de Santo Agostinho descrito no livro VIII das suas *Confissões*, distinguindo os dois diversos percursos de conversão apresentados pelo bispo de Hipona e destacando a indispensável intervenção divina nesse processo. Maria Cristina Guarnieri («Redenção em Kierkegaard: a liberdade da condição humana em uma perspectiva psicológica, filosófica e teológica») investiga o conceito de redenção em Kierkegaard, na sua relação com o conceito de liberdade enquanto condição do existir, sublinhando que tal condição implica sempre uma realidade concreta e a necessidade de uma escolha no instante, a qual, dentro da experiência da angústia, se configura como oportunidade redentora. O teólogo André Anéas procura, no ensaio intitulado «Redenção em perspectiva cristológica», articular o conceito de redenção na História através da contraposição entre o teísmo clássico e o existencialismo cristão. Dentro da área da psicologia, Danit Pondé, em «Redenção como cura», toma o conceito de redenção para o aplicar à perspectiva do psicanalista inglês Winnicott, reflectida na dimensão contingencial e interpessoal que caracteriza a experiência humana, apontando o percurso redentor que passa pelo encontro com o outro e pelo reencontro de um sentido pessoal; a este ensaio segue-se o de Francisco Carlos Gomes, que aborda «A Redenção em Viktor Frankl» partindo da experiência do neuropsiquiatra austríaco nos campos de concentração, o qual exprime uma concepção de redenção assente numa busca interior pela liberdade, a dignidade e a integridade do ser humano em condição de sofrimento. Antes do segundo grupo de ensaios encontramos o texto de Davi Lago, «Fanatismo e redenção», que faz uma breve incursão nos estudos da religião comparada, investigando a formação do conceito de «fanático» na modernidade, enquanto «fervor do novo convertido», assim demonstrando o uso da noção de redenção que é feito pelas narrativas fanáticas.

«*Pickpocket* de Robert Bresson: niilismo, amor e redenção» é o ensaio, escrito a quatro mãos por Maria do Rosário Lupi Bello e Suzie Marra, que abre o conjunto de textos situados no âmbito dos estudos de cinema e de televisão. Neste caso aborda-se o conceito de niilismo presente no filme do realizador

francês, que se apresenta como vazio de sentido e ilusão de auto-suficiência, e que só encontra a sua possibilidade redentora na rendição à iniciativa de «outro» através do amor. Paulo Miguel Martins foca, em «O filme *O Pão* de Manoel de Oliveira e o sentido de “Redenção”», a dimensão plurissignificativa da matéria que é o pão, alimento tanto físico quanto espiritual, simultaneamente matéria quotidiana e corpo redentor de Cristo, tal como é tratado por Oliveira no filme que leva esse nome. Caterina Cucinotta e Jesús Ramé assinam o ensaio intitulado «Uma aproximação ao processo criativo de Anabela Moreira: interpretação e redenção em três personagens de João Canijo», onde fazem uma apropriação simbólica do conceito de redenção, aplicada à obra do cineasta português, enquanto forma implicada na ontologia da Sétima Arte, capaz, mais do que nenhuma outra, de trazer o passado ao presente, assim oferecendo a possibilidade de um novo olhar potencialmente redentor. O fenómeno televisivo é olhado pelo prisma de Maria Pacheco de Amorim, que faz uma análise da série americana *The Vampire Diaries* («A Redenção do Monstro em *The Vampire Diaries*»), que leva mais longe e a um nível mais profundo do que as suas congéneres a complexidade da batalha moral dos vampiros protagonistas, evidenciando as reais consequências da sua personificação, a qual, aliada a uma ética das virtudes e assente no valor indispensável da comunidade, encontra, através do papel decisivo do amor, a possibilidade de redenção e de transformação do mal em bem.

E segue-se o grupo mais volumoso de ensaios, no âmbito da literatura e dos estudos literários, que se inicia com o de Vera Bastazin («A Palavra na ânsia do Divino – Romance e Redenção»), reflexão sobre a potência reveladora da linguagem ficcional, a partir da análise do romance *Homens imperfeitamente poéticos*, do escritor português Valter Hugo Mãe, a qual incita o leitor a um processo de busca realizado como possível redenção. Giuseppe Ghini retoma, com «Ainda Tolstoj *versus* Dostoevskij: a auto-redenção *versus* o dom do arrependimento», o confronto entre os dois grandes autores russos, contrastando a noção de redenção em Tolstoj como «auto-salvação» com a de Dostoevsky, que a concebe como vinda do «exterior». Ana Matoso faz, em «O “manto de palavras” de Anna Akhmátova», uma visitação da obra da poetisa russa e da concepção estética por ela apelidada «manto de palavras»: forma de protecção mariana e simultaneamente recurso poético, o «manto» resgata o passado e cria condições para a redenção do presente através da força e da verdade da palavra. Por seu turno, Antônio C. Soares Filho («O Jogo da Túnica e a

Redenção na Poética de Orides Fontela») investiga a persistência do sagrado e o projecto salvífico presente na obra da poetisa brasileira. Fábio Roberto Lucas foca, em «Paul Valéry, mais de uma voz clama: no deserto...», a busca mística e poética que se configura no Fausto valeriano, no qual se levantam questões como redenção, escatologia, juízo final, última palavra, no contexto da experiência apocalíptica da Segunda Guerra Mundial. Gerson Tenório dos Santos («A dimensão da uberidade no conto “As margens da alegria”, de Guimarães Rosa: subsídios para uma compreensão da redenção») toma o conceito de «uberidade», abordado por Charles Sanders Peirce no seu famoso texto «O argumento negligenciado da realidade de Deus», para discutir como, a partir da materialização desse conceito no conto, é possível compreendermos o sentido de redenção. No ensaio intitulado «Reconhecimento da sombra e redenção em “Mr. Moore”, de Autran Dourado», Lucas Mateocci Lopes demonstra como Dourado trabalha esse tema ao retratar a relação entre um criminoso decaído e um pastor protestante que procura salvá-lo. A possibilidade da redenção articula-se no texto a vários níveis, perante a necessidade de conciliação da ideia de perdão do criminoso e de amor ao próximo com a de castigo pelo pecado e a de justiça divina. Nayá Fernandes trabalha a relação entre «eu» e mundo no ensaio «Fora do mundo não há salvação ou *Sacramentum Mundi* em *A Obscena Senhora D*, de Hilda Hilst», levantando a questão sobre em que medida as perguntas da protagonista, caída em desgraça, as quais se dirigem a «todas as coisas», podem ser, elas mesmas, um *locus salvífico*. Por seu turno, Paulo César Carneiro Lopes aborda o conto de Lima Barreto em «Paixão de Cristo, Paixão do mundo: sementes de redenção em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*», analisando a presença de uma profunda intertextualidade entre as narrativas evangélicas da Paixão – de modo muito específico as de Mateus, Marcos e Lucas – e o romance maior do pré-modernista brasileiro. O conjunto de reflexões literárias é concluído com o texto de Roseli Hirasike «Redenção Poética em *A máquina do mundo repensada*, de Haroldo de Campos», constituído por um intertexto que, através da alegoria da «máquina do mundo», transita da tradição poética de Dante Aleghieri até à de Carlos Drummond de Andrade, passando por Luís Vaz de Camões, e evidenciando, no fazer poético e crítico de Haroldo de Campos, inserido no seio das incertezas da modernidade, a potência redentora da poética contemporânea.

Wilma Tommaso abre o conjunto final de textos, no âmbito das artes plásticas, abordando, em «Queda e redenção na arte cristã: uma reflexão sobre a

beleza que salva», o trabalho feito pelo artista esloveno Marco Ivan Rupnik e por toda a equipa do Centro Aletti, e penetrando na densidade significativa da iconografia cristã que se configura nos mosaicos e nas pinturas que narram a Criação, a Queda e a Redenção. Seguem-se, como conclusão, os textos de dois arquitectos: Pedro Marques de Abreu, que, interrogando-se sobre se «A arquitectura salvará o mundo?», concebe e define a arquitectura como lugar que «dá às coisas o seu rosto e aos homens a vista de si mesmos», o que lhe confere uma possibilidade efectivamente redentora; e Ricardo Roque Martins, que, em «... E Adão começou a pintar», estabelece um percurso que vai da actualidade às origens, através da narrativa da queda do homem e do «Mito das Origens», lembrando o seu apagamento da História do mundo e da História da arte, e contrapondo a possibilidade da sua recuperação, atendendo à potência que esta carrega consigo, particularmente no quadro pedagógico do ensino artístico.

Assim, a partir da riqueza implicada na variedade de perspectivas e de abordagens dos ensaios dos diversos investigadores, emerge o valor de uma efectiva interdisciplinaridade, que pretende proporcionar uma reflexão lúcida acerca do que vivemos, na linha do que indica o poeta e ensaísta polaco Adam Zagajewski (2002) quando sublinha a necessidade de conquista desses momentos de lucidez que permitem compreender o significado da vida. Ao mesmo tempo ressalta a dimensão universal da temática, tratada tanto através das reflexões puramente teóricas quanto através da interpretação das manifestações artísticas, que torna patente de forma clamorosa que não é possível falar do humano sem falar do religioso e que falar do religioso é sempre penetrar no humano.

Os coordenadores,

Maria do Rosário Lupi Bello
Luiz Felipe Pondé